



PAULO FREIRE & EDGAR MORIN: A MULTIDIMENSIONALIDADE CRÍTICA E A POLÍTICA DO HOMEM

Dr. Eduardo Portanova Barros  0000-0001-5832-5711
PNPD/CAPES Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Me. Antônio César Santos Fonseca  0000-0003-3248-0662
Universidade Feevale

RESUMO: Este artigo tem por intuito propor aproximações teóricas entre os filósofos Paulo Freire e Edgar Morin, mais especificamente sobre a ideia, para ambos, segundo nosso ponto de vista, de uma multidimensionalidade crítica. Nosso foco recai, em Morin, no seu, um tanto esquecido, *Introduction à une politique de l'homme – Suivi de arguments politiques*, publicado na França, originalmente, em 1965, que foi, no Brasil, traduzido, em 1969, pela Forense, intitulado “Introdução à política do homem: Argumentos políticos”. No caso de Freire, a relação com Morin parte de “Educação e mudança”, pequeno ensaio de 1982 (5ª edição), pela Paz e Terra. Em ambos, a postura é não só crítica, como também complexa (palavra-problema), o que pode fomentar, ainda hoje, a sustentação de uma sociedade “equilibrada” (mas não apática) e que se pretende, na prática, visível, a fim de engendrar uma ordem das coisas substancialmente plural.

PALAVRAS-CHAVE: Edgar Morin; Paulo Freire; Educação; Sociologia política; Imaginário.

PAULO FREIRE & EDGAR MORIN: THE CRITICAL MULTIDIMENSIONALITY AND THE POLITICS OF MAN

ABSTRACT: This article aims to propose theoretical approaches between the philosophers Paulo Freire and Edgar Morin, more specifically about the idea, for both, from our point of view, of a critical multidimensionality. Our focus lies, in Morin, in his, somewhat forgotten, *Introduction à une politique de l'homme – Suivi de arguments politiques*, originally published in France, in 1965, which was, in Brazil, translated, in 1969, by Forense, entitled “Introduction to the Politics of Man: Political Arguments”. In the case of Freire, the relationship with Morin stems from “Education and change”, a small essay from 1982 (5th edition), for Paz e Terra. In both, the posture is not only critical, but also complex, which can still encourage, even today, the support of a balanced society that intends, in practice, to be visible in order to engender a substantially plural order of things.

KEYWORDS: Edgar Morin; Paulo Freire; Education; Political sociology; Imaginary.

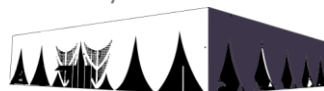


1 INTRODUÇÃO

Escrita entre 1962-1963, *Introduction à une politique de l'homme – Suivi de arguments politiques* (Paris, Éditions du Seuil) essa obra foi publicada, originalmente, em 1965. Morin, de início, postula uma antropolítica, aquilo, segundo ele, que integra (em sociedade) o específico e o total em um princípio, primeiramente, dialético. Da mesma forma, Paulo Freire, autor, entre outros de “Educação e mudança” (1982), trata de dialética, de uma forma geral, como, por exemplo, quando reflete sobre “O compromisso do profissional com a sociedade” (1982, p. 15). Temos, em ambos os casos, uma polaridade-raiz, por assim dizer, entre, de um lado, o homem e, de outro, a sociedade. Porém, tenhamos cuidado em não ver nisso uma espécie de maniqueísmo.

A concepção da multidimensionalidade, em Morin, é aquela do homem que vive o tempo no presente, em ato. Freire, igualmente, é partidário de um “estar sendo” (FREIRE, p. 47). Afirma Freire: “[...] Não se pode estudar a mudança sem estudar a estabilidade, isso pelo fato de que estudar uma é estudar a outra, assim como, tê-las como objeto de reflexão é submeter a estrutura social a essa mesma reflexão” (1982, p. 47). Essa possibilidade é reforçada através, nos termos de Morin, aqui referenciando sua temática geral, de um imaginário. Mais do que isso, conforme Teixeira Coelho, em “O que é utopia” (1981), um imaginário pode ter por característica um exercício prático, a todo o momento, isto é, propositivo.

Logo, Freire e Morin falam tanto de uma história real quanto de uma projeção do homem. Em Morin, é o *genos* (a genotipia), de um lado, e o *fenon* (a fenotipia), de outro. Em Freire, é a mudança e o estático. Pergunta-se, então: como incorporar a antropolítica moriniana e a multidimensionalidade freiriana no debate e nos fóruns midiático-educacionais desse imaginário ocidental monista? Essa é a ideia-força da multidimensionalidade (a utopia e o presente) neste Morin e neste Freire sobre os quais tratamos aqui, sinalizando para um Paradigma da



Complexidade ou de um Método da Totalidade. Por meio de uma pesquisa nestes dois livros mencionados acima – referimo-nos aos de Freire e Morin, especificamente – buscamos, aqui, uma reflexão plural.

2 PLURALISMO METODOLÓGICO

Por pluralismo metodológico consideramos uma visão aberta da cultura. Essa cultura, acadêmica ou não, pode se dar tanto nas áreas humanas quanto nas áreas ditas exatas. Mas, com Freire e Morin, as duas vertentes acadêmicas, a que trata do humano e a que trata da técnica, não podem dialogar entre si? Parece-nos que sim. Isso porque, em todo viés tecnológico, há situações próprias daquilo que é originado pelo homem. Voltando ao “estar sendo” freiriano, temos, nessa expressão do filósofo recifense, algo semelhante, apenas a título de comentário, do “ser-aí” heideggeriano. De novo, são polaridades ao mesmo tempo opostas e complementares. Podemos, por meio de um vié maniqueísta, trata, lógico, desses dois polos de forma conflitante. Mas não é nosso lado.

E, dialeticamente falando, um lado se escolhe, queiramos ou não. Em Morin, no livro já mencionado, uma política planetária procura “articular-se” (1969, p. 83). Em Freire, o pensamento crítico é, ao mesmo tempo, originário e resultante do que Morin entende por “[...] faróis sobre o desenvolvimento do próprio homem” (1969, p. 83). E mais: Morin aponta, ainda sobre essa questão planetária, que essa forma de política “[...] só pode ser democrática” (1969, p. 94). Isso porque, de acordo com Morin, “[...] é melhor correr o risco democrático do que o antidemocrático” (1969, p. 94). Ambos, Freire e Morin, portanto, procuram a fundamentação teórica de um espaço de reflexão não só crítica, como democrática. Democracia que é a prática da pluralidade.

Segundo Morin, a estrutura da vida passa por uma lógica ternária: ordem, organização e desordem. Para Morin (1991), um pensamento mutilador produz ações mutiladoras, por isso o termo “complexo” liga-se à mistura daquela tríade.



A degradação e caos também dizem respeito à vida. Complexidade, portanto, na visão de Morin, é palavra-problema (e não palavra-solução). É a incerteza no meio de sistemas ricamente organizados. Por que “palavra-problema”? Porque admite o “contraditório”, uma forma de pensamento oposta (mas fomentada pelo seu contrário) ao paradigma da simplificação, considerado reducionista por Morin. A prática científica, na opinião de Morin, deveria ser “dialógica”, isto é: manter a dualidade no seio da unidade e associar, ao mesmo tempo, o seu contrário ou termos antagônicos que se complementam.

3 ENTRE A DIALÉTICA E O DIALÓGICO

Uma maneira de interpretar Freire em relação à “dialogia” de Morin é o fato de que, segundo o pedagogo brasileiro, é necessário que se faça uma “[...] séria reflexão sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulte sua inserção nela” (FREIRE, 1982, p. 25). Freire, nessa citação mencionada antes, refere-se, no capítulo “O compromisso do profissional com a sociedade” (1982, p. 15), a um dado momento histórico na América Latina. Livro escrito em 1982, não nos cabe aqui aprofundarmos o contexto histórico de que Freire nos fala, mas antes, como o fora nossa proposta desde o início desta reflexão, ver aproximações de caráter teórico entre dois autores que se notabilizaram em apresentar propostas críticas no campo da cultura.

Freire, a certa altura, reflete, a exemplo de Morin e seu homem planetário, sobre “[...] a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada, indissolivelmente, à sua ação sobre o mundo” (1982, p. 16). Morin, por sua vez, da mesma forma que Freire, não se omite. Daí, para nosso caso, o termo dialético não se caracteriza de modo dualista. Pelo contrário: a dialética de que trata Morin é um pensamento que retorna ao seu exato oposto. Claro que se toma partido. Porém, reconhecemos com Morin e com Freire – pelo menos como justificativa deste artigo – um ultrapassamento do maniqueísmo como isolamento

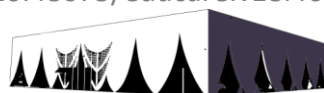


das polaridades no homem, tomado por ambos como aquele que se faz por sua capacidade de agir e refletir.

Se considerarmos o pós-moderno como o espírito de época da atualidade, isso pelo fato de que o termo não se caracteriza – e nunca o fora – sob a mesma lente cartesiana do chamado Projeto da Modernidade, este que procurou (e, para muitos, ainda procura), uma Razão iluminista que nos justifique a nós, homens, temos um desafio tanto para Morin quanto para Freire. O desafio é a consciência crítica. Ora, por consciência crítica entendia-se, anteriormente e por influência de Marx, um pensamento desalienado. Hoje, por outro lado, as categorias entre termos como alienação e desalienação, no pós-moderno, se confundem, para o melhor e o pior. Freire, de origem marxista, faz uso do termo alienação. Mas preferimos, pelo menos aqui, outro enfoque.

Apenas para contribuir, mesmo que ligeiramente, sobre o assunto aventado no parágrafo anterior, Vattimo afirma que “[...] a essência do moderno só se torna verdadeiramente visível a partir do momento em que o mecanismo da Modernidade se distancia de nós” (1996, p. 102). Acrescenta ele que o indício desse distanciamento é o esvaziamento do conceito de progresso. Se concordarmos com Vattimo, o esvaziamento do conceito de progresso resulta no esvaziamento, também, de outros vários conceitos, inclusive no de Estado político assistencialista. A política de Estado, portanto, não mais existiria como fenômeno específico, da forma como propunha o lema positivista em nossa bandeira da “ordem e progresso”. Mas de outra forma, ainda estatal.

Um tipo diferente de mudança estrutural transforma hoje as sociedades pós-modernas neste século XXI, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, raça e nacionalidade que nos tinham, antigamente, fornecido sólidas localizações como indivíduos e sujeitos sociais. É, precisamente, desse desafio que comentamos sobre re-lermos os postulados de Freire e Morin, ambos de origem marxista, cuja proposta era fazer a crítica de uma sociedade, nestes termos, alienada e massificada. Porém, devido a uma sensibilidade pós-moderna não mais



de cunho marcadamente ideológico, o que vemos, por exemplo, na prática política de um Brasil miscigenado também politicamente falando, o tempo é fluido. Ou, para ficarmos com Bauman, “líquido” (2001).

4 EDUCAÇÃO E MUDANÇA

Nosso enfoque, lembrando, é o de Morin e Freire multidimensionais em relação ao homem. Por multidimensionais entendemos o fato de que, com Freire, “[...] não há homens isolados” (1982, p. 61). Aqui, Freire, em “Educação e mudança” (1982), trata disso no capítulo referente à “Alfabetização de adultos e conscientização”, salientando o homem como um “ser de relações” (1982, p. 62). Ora, toda a obra de Morin tem por fundamento o homem, basta lembrarmos, aqui, por exemplo, de um dos seus títulos voltados para o cinema que é “O cinema ou o homem imaginário” (1997). Nele, Morin trata das projeções-identificações do homem diante de uma narrativa de filmica¹. Não só de um filme. Não só de uma narrativa. Mas de uma narrativa, portanto, cinematográfica.

Nisso há um lado poético, assim como toda a literatura tanto de Freire quanto de Morin. Uma das definições de “poética” é a de visão emocional de ideias, estados de espírito, sentimentos e impressões do autor (autor em geral). Mas referimo-nos aqui, também, ao “instante poético” bachelardiano, no qual “[...] o poeta anima uma dialética mais sutil: revela ao mesmo tempo, no mesmo *instante*, a solidariedade da forma e da pessoa, provando que a forma é uma pessoa e que a pessoa é uma forma” (2007, p.107). Para nós, Morin e Freire apresentam alguns traços que Bachelard define como poéticos, sobretudo ao afirmar que o poeta constrói complexidades e destrói a continuidade do tempo encadeado.

¹ Conforme Morin, “O cinema é, precisamente, esta simbiose: um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme. Um sistema que tende a integrar o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador” (MORIN, 1997, p. 123).



Tomemos como exemplo, trazendo a multidimensionalidade para o cinema, de um filme dito autoral, aquele que não se traduz só em pixels ou celuloide, mas cujo autor está como que visível (tanto quanto a imagem física) na cena. O filme de autor é um filme umbilical. Os recursos técnicos em um filme autoral estão além e aquém do mistério de uma narrativa (sempre mítica) que, para o cineasta autoral, é elaborada pela paixão no ato de dirigir e pelo sofrimento no ato de olhar (ambivalência entre ideia e visualidade). Não se daria o mesmo para pensadores como Freire e Morin na área da Educação pelo fato de, conforme Freire, não existir um tipo padronizado de resposta do homem em relação ao mundo?

Quem melhor expressou o poético, em termos de imaginário, talvez tenha sido Bachelard no sentido de uma relação harmoniosa dos contrários, pelo fato de que, segundo ele, há sempre um pouco de razão no instante apaixonado do poeta. Trata-se de uma equação difícil de ser mensurada, claro. O chamado ocidentalismo recusa o que é da natureza do difuso. No entanto, aquela observação de Bachelard nos serve, aqui, pelo fato de que explicita as características aparentemente contrárias no homem, conhecidas como sentimento e razão. Para Freire, por exemplo, “[...] o verdadeiro compromisso, que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tampouco ser um ato unilateral” (1982, p. 19).

5 IMAGINAÇÃO PLANETÁRIA

Arriscamo-nos a considerar Freire e Morin sob o ângulo de uma imaginação planetária. Imaginário é considerado, aqui, como “[...] conjunto de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possíveis universais e invariantes e, de outro, de formas geradas em contextos historicamente determináveis” (COELHO, 1997, p. 213). Freire e Morin buscam, dessa forma, conscientemente ou não, (com)partilhar experiências por meio de uma vivência cultural intransponível do ser humano enquanto manifestação de



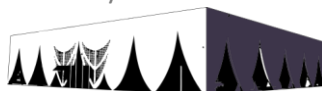
seu imaginário. O expressar-se, porém, não é a simples realização de um projeto, e sim uma pulsão (sem entrarmos no terreno psicanalítico).

A criação, nesse ponto, confunde-se com uma necessidade, necessidade essa ambientada em um tempo e em um lugar. “De uma imagem isolada pode nascer um universo” (BACHELARD, 1988, p. 167). Este imaginário em Freire e Morin não é tomado por algo fantasioso e ilusório, mas é real. A tecnologia, por exemplo, é produto do nosso imaginário. “[...] na fenomenologia do imaginário, a imaginação é colocada em primeiro lugar como princípio de excitação direta do devir psíquico”, ensina Bachelard (1988, p. 8). A reversibilidade do imaginário no homem é permanente. Ou seja, o homem produz o imaginário que o produz. Diferentemente de ideologia, que tem um cunho racionalizante, imaginário é, antes, uma força emocional que não se desliga de uma tendência racionalizadora, e vice-versa.

Isso significa dizer que o imaginário - não só em Freire e Morin, mas no todo, só existe na relação com aquilo que é vivo; isto é, concreto. E Freire sempre insiste nesse termo, o “sujeito concreto”, o que, para Morin, seria, nos termos que colocamos aqui, o “homem político”. Assim, o concreto seria empurrado, ou fomentado, melhor dizendo, por forças do imaginário, e vice-versa. Várias criações humanas, portanto, resultam de um imaginário ao mesmo tempo arquetipal e técnico, entre as quais, como vimos acima com Morin, apenas para exemplificarmos a multidimensionalidade de sua tese sobre a “política do homem” em consonância com o sujeito concreto freiriano, o cinema. E, mais do que um simples cinema, o cinema dito autoral.

6 IMPREVISÍVEL AVENTURA

Abrimos parênteses, aqui, para tratarmos de um imaginário (sempre imprevisível, apesar de estruturante) que se faz presente no pós-moderno. A questão do imaginário, em todas as áreas e dimensões, não só do ponto de vista



epistemológico, volta à cena, justamente nesse momento de fascínio pela tecnologia digital, fortalecendo essa mesma cultura que ora nos oprime, ora nos redime. Isso porque a tecnologia sempre nos definiu. Não é de hoje. É desnecessário, pois, porque não se trata disso, mas antes de uma multidimensionalidade em Freire e Morin, rememorar o trajeto evolutivo desse homem tecnológico, com todas as suas facetas, até aqui. Além disso, essa cronologia, como acabamos de dizer, não é o nosso propósito neste artigo.

Parece-nos, isto sim, pertinente propor uma reflexão a partir da seguinte hipótese: a do surgimento (e é bem disso que se trata: ressurgir, conforme um tempo cíclico) de um homem multidimensional (autor do seu destino) que vinga já, “epocal”, de época, e que traz consigo este viés arcaico, no bom sentido do termo, isto é, apenas do ponto de vista histórico, em torno dos coletivos das tribos pós-modernas, mas sem abdicar do “tudo tecnológico”. Falamos do homem comum, que faz sociedade, e que, como antecipara Nietzsche, hoje vive, para o melhor e o pior, a vida como obra de arte. Com isso, aponta Nietzsche, ele se refere ao fato de que a “[...] arte traz consigo o bálsamo benfazejo: só ela tem o poder de transformar o aborrecimento do que há de horrível e de absurdo na existência” (2002, p. 77).

Nesse percurso, a crítica só ideológica, aquela dos teóricos frankfurtianos, derivados da Escola de Frankfurt, na Alemanha, cujo início se deu entre 1923 e 1924, e que criou, com Adorno e Horkheimer, a chamada Teoria Crítica, de teor marxista, contrária à dita massificação da arte e da perda de sua aura, mais tarde, com Walter Benjamin (1892-1940), por causa de sua reprodutibilidade acentuadamente técnica, por exemplo, perderia seu estatuto de nobreza. Tudo no seu tempo. Esse ditado popular é sábio. Ao tratarmos de uma Teoria Geral do Imaginário, por exemplo, essa de Gilbert Durand na qual ele se debruça, consistentemente, sobre os arquétipos junguianos e as respectivas estruturas antropológicas do homem, vemos Freire e Morin.

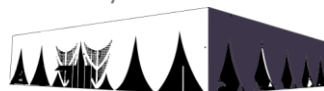


Apenas em linhas gerais, a reivindicação de ambos por uma consciência crítica e uma multidimensionalidade planetária, da forma como sustentamos neste artigo, pode ser a característica de um imaginário heroico, porque ancorado na ideia de clareza, luta e de, conseqüentemente, libertação. Em Durand, todo imaginário acontece em termos de um “trajeto antropológico” entre pulsões e coerções. Daí resultam as imagens predominantes de seus autores e, a partir de uma interpretação que pode variar entre a crítica do mito (mitocrítica) ou da cultura (culturanálise) de uma obra, chega-se a uma possível característica predominante do “objeto” em análise. Óbvio que Freire e Morin são bem mais complexos do que isso que acabamos de mencionar. Demos uma pista.

7 CONCLUSÕES

Ao longo de ambos os livros (repetindo: “Introdução à política do homem”, de Morin, e “Educação e mudança”, de Freire) o espírito deles é o de participação ativa, propositiva. Morin é claro. Para ele, exige-se uma “revolução da existência” (1969, p. 30). Freire, igualmente, foi forjado também pelo espírito revolucionário de Marx. “Este conhecimento, sem dúvida, não pode reduzir-se ao nível da pura opinião (*doxa*) sobre a realidade. Faz-se necessário o *logos* (saber) para a percepção do *ontos* (existência)” (FREIRE, 1982, p. 48). Daí, no pós-moderno, ou seja, um tempo fragmentado e fluido, a urgência de uma *re-leitura* de ambos os autores aqui mencionados a partir – no nosso entender – de duas de suas várias contribuições para uma consciência crítica e social do homem. Um pós-moderno, mas ainda crítico.

Freire e Morin contribuem nisso que falamos em (re)considerar as múltiplas dimensões do homem (por isso o termo “multidimensional”) na sociedade do conhecimento ou de uma “antropolítica”, conforme o mesmo Morin, oferecendo um viés plural se considerarmos, sim, a bipolaridade de todo humano, naquele sentido dialético estrutural, e não, como sustenta o maniqueísmo, o de uma



disjunção entre as polaridades primeiras. Polaridades primeiras que, não querendo ser redundantes, começam sobre as reflexões de nossa presença neste mundo e que, pelo viés do imaginário, caso o discutamos com o rigor que esse imaginário requer, nos apresenta uma crítica ao esquecimento das imagens simbólicas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

COELHO, T. **O que é utopia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

COELHO, T. **Dicionário crítico de Política Cultural. Cultura e imaginário**. 3. ed. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2004.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MORIN, E. **Introdução à política do homem**: Argumentos políticos. Rio de Janeiro-São Paulo: Forense, 1969.

MORIN, E. **Introduction à une politique de l'homme**. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

MORIN, E. **O cinema ou o homem imaginário**: Ensaio de antropologia Sociológica. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade**. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em: 20-10-2022

Aceito em: 15-03-2023

